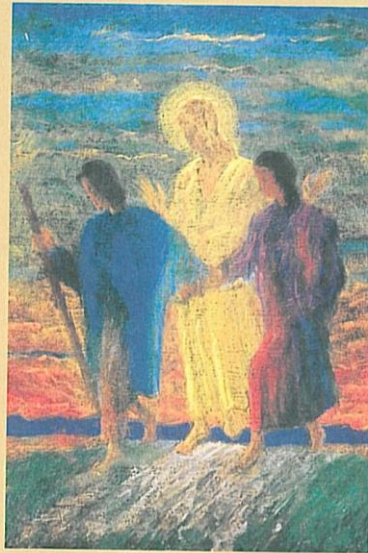


TRADITIO SCALABRINIANA

Sussidi per l'approfondimento



14

Novembre 2011

PRESENTAZIONE

Al Beato Giovanni Battista Scalabrini, Patrono dei migranti

A te, Pastore della Chiesa pellegrina,
rivolgiamo questa nostra preghiera:
aiutaci a capire
che ogni passo del nostro cammino,
anche il più faticoso e doloroso,
è un passo per entrare nella Terra,
che il Padre dei cieli ci ha promesso.

A te, che ti sei fatto compagno
di ogni uomo che si mette in cammino
alla ricerca di lavoro, pane, libertà,
dignità e giustizia,
chiediamo, come a un nuovo Mosè,
di metterti alla testa,

di questo infinito corteo
che si muove su ogni strada del mondo,
perché non abbiamo a perdere di vista
la meta finale.

A te, che hai sognato e creduto
che i tanti cammini dell'uomo
fanno parte del progetto di Dio
per portarci ad essere unica famiglia,
aiutaci a capire e a scoprire
che anche questo nostro pellegrinare
è un anticipo di questo tuo sogno:
la terra è patria di tutti,
perché il cielo è la meta per tutti.
Amen.

P. Silvano Guglielmi, cs

Consegniamo alle stampe il nuovo numero della collana “*Traditio Scalabriniana. Sussidi per l’approfondimento*” in un momento dell’anno denso di ricorrenze scalabriniane. Per questo abbiamo aperto questa breve presentazione con una preghiera che ci è giunta proprio nella data del 9 novembre 2011, in cui abbiamo ricordato la beatificazione di G.B. Scalabrini.

Ecco, dunque, tre nuovi contributi. Sr. Isaura Paviani, mscs, riflette sul tema della speranza così come l’hanno vissuta il beato G.B. Scalabrini, P. Marchetti e Madre Assunta Marchetti. Madre Assunta ha vissuto la speranza, in quanto “donna di molta intimità con il Signore e pertanto di molta azione”, una speranza che le permise di compiere opere straordinarie.

In cammino alla ricerca della volontà di Dio, ogni credente si può sentire interpellato dall’esperienza della Sacra Famiglia in fuga verso l’Egitto: “per il suo progetto di salvezza Dio conta su di loro. Questa certezza rende Giuseppe e Maria aperti al nuovo, capaci di rischio” (A. Fumagalli, mss). Ed è lungo il cammino che si possono cogliere le sofferenze dei fratelli per portarli nella casa dell’accoglienza e sperimentare il Dio accogliente (P. Beniamino Rossi, cs), quella virtù che deve contraddistinguere la Famiglia Scalabriniana.

Il 2012 costituirà una data importante per i Missionari di San Carlo Scalabriniani, che festeggeranno i 125 anni di fondazione della loro congregazione. Può essere una buona occasione per sollecitare riflessioni ed interventi sulla spiritualità scalabriniana, che ci tiene uniti come Famiglia e che dà senso alla nostra scelta di vita. Come scriveva il beato Scalabrini ad un suo missionario: “Siate santi e tutto rifiorirà nelle vostre mani”¹.

¹ G.B. Scalabrini, *Lettera a P. O. Alussi*, 26.8.1893, in *Scalabrini una voce viva*, Roma 2005, 498.

A esperança move corações e suscita novas atitudes

Ir. Isaura Paviani, mscs

A esperança do migrante

«Esperemos o amanhã
Em meio a tantos amanhãs.
Esperemos o amanhã
De paz tão desejada,
De fome saciada
Em um mundo sem fronteiras,
Esperemos que cantando
A esperança então cresça.
E crescendo em nossos passos,
Por nossos atos,
Façamos que amanheça»².

O canto que transcrevemos retrata o desejo e a esperança dos migrantes. As expressões «paz tão desejada», «fome saciada», e «um mundo sem fronteiras», são desejos profundos de todo o ser humano, mas aqui ressoam como metas de homens migrantes que ainda acreditam na possibilidade do próprio homem se voltar para o seu centro onde Deus habita e de onde a esperança vai ganhando forma e se transforma em realidade.

Paz é palavra usada diuturnamente por milhares de pessoas. Para alguns é um chavão sem conotação solidária, ao passo que, para os migrantes, dos vários segmentos da sociedade, o clamor pela paz emana de uma lacuna interna, dolorida, que sangra muitas vezes e que interage com outros fatores na fragmentação do ser humano. Enquanto as políticas econômicas se fortalecem e se legitimam de um lado e, do outro, prevalece a ausência da missão do homem e a pouca consciência de ser corresponsável na construção de uma sociedade solidária, onde a justiça social, o alcance dos bens necessários à sobrevivência, são indicadores de presença de paz.

«Fome saciada», como reza o poema, é anelo que nasce da própria dimensão física da raça humana. O próprio Jesus na oração do Pai Nosso ensinada aos seus discípulos assim se expressa: «o pão nosso de cada dia, nos dai hoje...», sim, Jesus ensinou a buscar por meio do trabalho e da partilha, um modo simples e fraterno de saciar a fome todos os dias. É evidente que a pessoa não só sofre a fome física, mas a do amor, do afeto, de relações. Para tanto a pessoa necessita da perseverança, da coragem e da busca incessante de algo mais para a realização plena do homem, em outras palavras, a experiência da felicidade. As fomes saciadas são a realização de uma esperança que medra em todo o ser humano e que muitos alcançam saborear os frutos mas, infelizmente nem todos. Conheci muitos migrantes que se expressavam de diferentes formas e me manifestaram o desejo de que a esperança cresça para que o mundo seja novo, tenha um amanhecer mais favorável a todo o gênero humano. Usam palavras que expressam a vivência no dia a dia e dá a segurança de que este dia não é utopia, mas realidade existencial.

Para Scalabrini, no século XIX, a visão de pátria era aquela que garante o sustento ao pobre, ao migrante, ao necessitado, portanto, sem fronteiras. Qual uma conotação positiva, como aquela que diz o poema: «um mundo sem fronteiras», sonho de tantos, objetivo de idealistas, experiência de poucos, neste mundo tão desigual. «Para o deserdado, a pátria é a terra que lhe dá o pão: lá longe,

² O canto se encontra no Cd de S. MELO - I. PRATI, *Vozes da Missão*, Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeo – Scalabrinianas, Província Nossa Senhora Aparecida, São Paulo.

longe, esperavam encontrar o pão, menos escasso, menos suado»³. Não era este o desejo dos que tinham que partir de sua terra natal em busca de novas condições de vida?

Sim, um mundo sem fronteiras é uma utopia. Vemos um pequeno sinal, por necessidades econômico-financeiras, que as nações se unem (UE, Mercosul, NAFTA etc.), fazem tratados, incluem e excluem... e um dos indicadores seria abrir fronteiras nos vários sentidos, inclusive de livre passagem, mas que não é assim para todos.

Podemos afirmar que quando o migrante canta, «por nossos atos façamos que amanheça», é uma oração de esperança que renasce hodiernamente nos corações de homens de fé, de esperança e de caridade, fruto da aceitação de serem amados e redimidos por Deus. Espera que, através do canto, possa contribuir para um mundo melhor. O canto, para o migrante, é a arma que aprendeu a usar para forjar um mundo novo.

O migrante na sua simplicidade busca na esperança possibilidades que lhe permita viver na paz, na dignidade de filho de Deus, de irmão e de cidadão corresponsável da história da salvação. A esperança não é feita de passividade, mas é dinâmica como ele diz: «por nossos atos façamos que amanheça». Constatei quando participei de seminários junto a migrantes que, na caravana dos que migram, está presente a força da esperança, um novo amanhecer para eles e suas famílias. O testemunho de uma delas expressou a verdade por eles vivida na seguinte frase: «A violência da natureza e dos humanos pode levar os nossos barracos, mas não poderão destruir nossa esperança»⁴.

E nós, que recebemos da Igreja, através de João Batista Scalabrini a missão junto aos migrantes o que fazemos para fortalecê-los na esperança? Como ajudá-los a ter uma paciente esperança quando tudo parece sem sinal de vida? Se a esperança move corações e leva a atitudes, o que nos compete? Será que o desejo é o caminho que gera esperança? Será que se necessita mover o interno do ser para se ter esperança?

A esperança é um dom que provém do alto, da mesma fonte da Trindade. Brota da fé, se cultiva da espiritualidade, da certeza de que Deus é o Senhor do Universo, é o rochedo, a fortaleza e a luz que guia nossos caminhos, o amor que continua gerando cada homem e cada mulher da face da terra.

O documento de sua Santidade o Papa Bento XVI, «*Spe salvi*» sobre a esperança cristã, afirma que para sermos pessoas de esperança, necessitamos ser pessoas de fé. Afirma, outrossim que a

«Redenção, a salvação, segundo a fé cristã, não é um simples dado de fato. A Redenção nos é oferecida no sentido que nos foi dada a esperança, uma esperança fidedigna, graças à qual podemos enfrentar o nosso tempo presente: o presente, ainda que custoso, pode ser vivido e aceito, se levar à uma meta e se pudermos estar seguros desta meta, se esta meta for tão grande que justifique a cansaça do caminho»⁵.

João Batista Scalabrini e a esperança

Ao percorrermos a vida do bem-aventurado João B. Scalabrini, depreendemos que sua vida, desde a infância, foi marcada pela consciência de ter sido redimido/salvo pela pessoa de Jesus Cristo, origem de sua fé e esperança. Ele tinha um referencial que foi percorrido por ele com consistência e perseverança.

Sua esperança era profundamente arraigada na força do amor de Deus, do qual podemos esperar incondicionalmente:

³ CONGREGAÇÕES SCALABRINIANAS – MISSIONÁRIOS E MISSIONÁRIAS DE S. CARLOS, *Scalabrini uma voz atual*, Loyola, S. Paulo 1989, 356.

⁴ Migrante no assentamento de Veranópolis – RS, Brasil.

⁵ BENTO XVI, Encíclica *Spe Salvi*, Loyola, São Paulo 2007, n. 1.

«É a Jesus que devemos todos os bens que recebemos de Deus: natureza, graça e glória. É n'Ele, é em Jesus, que somos guardados, se Deus nos conserva, nos sustenta, nos defende, se não nos castiga, como merecemos, se continua a nos suportar e nos esperar»⁶.

Mas ele tinha a convicção própria dos que se deixam dinamizar por esta bela virtude. Confiava e agia. É necessário fazer tudo o que está ao nosso alcance e com «paciência, esperar somente no auxílio de Deus»⁷. A esperança para Scalabrini, era como um motor que girava, girava produzindo novos frutos, seja pela palavra, seja por atos, sempre em prol das pessoas menos favorecidas.

Mesmo quando falava da migração, afirmando a liberdade de migrar, direito de toda a pessoa humana, dizia que a migração é

«boa, porque é uma válvula de segurança social; porque abre caminhos floridos da esperança, e algumas vezes, da riqueza, aos deserdados. Porque civiliza as mentes do povo, pelo contato com outras leis e outros costumes»⁸.

Em meio a tantos sofrimentos que viu e ouviu, este Pai dos Migrantes, sabia perceber os «caminhos floridos da esperança», de milhares de conacionais. E para que fosse assim investiu as forças da inteligência e da fé, enviou missionários e missionárias, criou comitês de leigos, escreveu, denunciou e fez-se presente em terras onde viviam os que tinham emigrado em busca de pão.

De um olhar e uma acolhida profunda da vida de João Batista Scalabrini depreende-se que foi um homem de fé profunda, da escuta e da vivência da Palavra de Deus, da busca dos sinais dos tempos como resposta às necessidades dos homens de sua época, do respeito aos credos, da disposição na busca de soluções pertinentes aos problemas gerados pelo sistema econômico e político, do encontro com a Igreja hierárquica na pessoa de Sua Santidade o Papa Pio X para intervir em assuntos que trouxessem bem estar a todas as pessoas.

Scalabrini foi um homem que se deslocou de seu lugar geográfico e do seu espaço psicológico para atender o outro. Para toda situação-problema que se manifestasse tinha uma palavra ou um fato que comprovasse a resolução do mesmo. Para comprovar isto, basta percorrer os lugares por onde ele passou, observar e escutar os depoimentos dados por pessoas que o conheceram ou tem memória de seus feitos.

Padre José Marchetti e a esperança

Padre José Marchetti além de ter sido um sacerdote exemplar, foi um missionário visionário que sonhou alto e apostou na Providência Divina, com o intuito de responder aos apelos do Senhor em sua missão como scalabriniano. Vejamos alguns trechos de uma carta enviada do Brasil ao Fundador Dom J. B. Scalabrini.

«O Bispo me deu um lugar para a construção [...]. É numa colina, na extremidade de São Paulo e é apropriado para uma casa, para um bonito jardim, para tudo. *Deo gratias!* Exatamente como eu tinha sonhado [...]. É uma beleza! Deus queria o orfanato; eu o vejo, o sinto e conheço. *Deo gratias!* Formei um comitê de senhoras, nomeando como presidente a esposa do Cônsul, a condessa Brichanteau. Faço ali algumas conferências e elas choram diante de certos quadros que descrevo! E o dinheiro não me falta. Eu bato às portas, peço, trabalho, prego, confesso, exorto, mas estou sozinho. A messe é imensa. Se a visse! As paredes crescem; em dois meses, espero, estará pronto o reboco. A Providência, portanto, quis coroar as minhas esperanças, os meus votos e, talvez, também os seus. Emigrantes ! Órfãos!»⁹.

Ver, sentir e conhecer são três verbos, três expressões que revelam um pouco da riqueza deste missionário, sua sensibilidade e sua paixão pela causa do outro. *Ver* tem um sentido denotativo que

⁶ CONGREGAÇÕES SCALABRINIANAS – MISSIONÁRIOS E MISSIONÁRIAS DE S. CARLOS, *Scalabrini uma voz atual*, 9.

⁷ *Ibidem*, 120.

⁸ *Ibidem*, 362.

⁹ L. BONDI, «Carta de Padre José Marchetti, cs, a Dom J. B. Scalabrini (31.01.1895)», in *Alguns escritos inéditos para evocar e aprofundar a figura de padre José Marchetti*, Loyola, São Paulo 1995, 14-15.

o diferencia do sentido de enxergar. O ato de enxergar pode ficar apenas na subjetividade ou superficialidade. O ver, de fato, passa pela sensibilidade, atitude primeira que percebe a necessidade enquanto realidade sentida, objetiva, passa pela análise e pela apresentação de uma proposta clara e distinta. Pe Marchetti lia no coração, no interior das pessoas, apropriava-se de seus sofrimentos e, esta sua percepção transformava-se em atitudes de coragem e de esperança. Será que em tão pouco tempo podia mover e levantar obras do tamanho exigido pelo número de órfãos se não houvesse muita dedicação e muita esperança?

Sentir é a manifestação de sensações, de emoções, de desejos, de aspirações frutos da alma racional, que movem, que dinamizam ações, impulsionam atitudes, neste caso, de solidariedade e de partilha. Para o homem de fé, do qual foi protótipo, essa ação mesmo executada não simboliza apenas o ato do aconchego, da residência, mas um ato de amor, de desprendimento, de altruísmo e do cumprimento da vontade de Deus, na missão scalabriniana.

Conhecer, na verdade diz respeito a experiência, ao fato de ter sido tocado em seu ser mais profundo pelas cenas que a Providência lhe pos no caminho: órfãos, doentes, abandonados, explorados, famintos. Seu coração sensível não ficou indiferente. Respondeu com uma doação que o levou até a fazer o voto de ser «vitima do próximo, por amor a Deus». Um olhar atento pode perceber neste mártir das fadigas apostólicas, uma esperança incomparável, pois vivia como se «visse o invisível» (Hb 11,27).

Marchetti afirmou a Scalabrini que conhecia as necessidades dos migrantes. Se conhecia é porque anteriormente tinha havido um encontro no qual a pessoa do outro se tornou uma espécie de apelo primordial que exigia as ações concretas, que foram os empreendimentos de Marchetti que bem conhecemos. É possível ser homem de fé e de esperança sem esta postura diante da vida? Podemos afirmar com convicção de que a virtude da fé e da esperança foram norteadores na vida do cofundador Pe. José Marchetti, mas também teve sempre a certeza de que a mão providencial de Deus, com a colaboração dos homens, fazia tudo acontecer no momento exato.

Madre Assunta Marchetti e a esperança

O que dizer de Madre Assunta?

Mulher de muita intimidade com o Senhor e por isso de muita ação. Desde o momento em que larga mãos de seus objetivos para atender a uma solicitação de seu irmão Pe. José Marchetti, configura-se um ato de fé, de esperança e de abandono nas mãos da Providência Divina.

Entre os vários depoimentos de ex-alunas e de irmãs que conviveram com Madre Assunta, encontra-se:

«Quando faltava alguma coisa no orfanato, ela nos reunia na capela para que pedíssemos ajuda à Providência e, para nossa grande surpresa, antes que terminássemos a oração, tocava a campainha e era um caminhão trazendo aquilo que estávamos precisando, e nós voltávamos a rezar para agradecer a Deus. Madre Assunta exortava as irmãs, os doentes, os abandonados, os órfãos a terem ânimo, confiança e esperança em Deus»¹⁰.

Num momento de forte crise na Congregação das irmãs MSCS, Madre Assunta é convidada a assumir o serviço de superiora geral da mesma. Em sua primeira circular às irmãs fala de sua grande responsabilidade e de sua incapacidade de governar, mas acrescenta que a vontade de Deus a havia obrigado a aceitar. Acena inclusive a sua esperança na colaboração de todas as irmãs às quais diz: «Passada a tempestade, esqueçamos o passado e recomeçamos». Na mesma circular ela diz onde

¹⁰ L. BONDI, *Virtudes da Serva de Deus Madre Assunta Marchetti*, Loyola, São Paulo 2007, 44.

está a fonte da sua heróica esperança; «Coloquei toda a minha confiança no Coração dulcíssimo de Jesus. Por Ele e n'Ele eis-me neste delicadíssimo e muito espinhoso comando»¹¹.

Poderíamos continuar percorrendo fato por fato, ação por ação de Madre Assunta e com certeza afirmaríamos: Só foi possível realizar e ser testemunha do grande Amor de Deus em seus diferentes serviços na missão porque tinha muita intimidade com o Senhor e muita fé, esperança e confiança na Providência Divina.

Desafios para as missionárias e missionários scalabrinianos

Scalabrini afirmava:

«Devemos persuadir-nos que hoje não basta o que bastava tempos atrás. Tempos novos, novas realizações; a novas chagas, novos remédios; a novas artes de guerra, novos sistemas de defesa»¹².

Esta afirmação revela seu comprometimento com a realidade do seu tempo, sua visão de futuro e mais do que isto, sua credibilidade no homem de fé e de esperança.

Nós, missionários e missionárias para os migrantes, somos desafiados a descobrir, sob a luz que vem do Espírito do Ressuscitado, novos caminhos para revigorar nossas esperanças e transmiti-la, testemunhá-la aos milhões de homens e mulheres que fazem parte da caravana dos filhos de Deus em mobilidade espalhados pelos quatro ângulos do planeta.

Em cada migrante mais pobre e abandonado somos interpelados a ver o Deus que salva, o Deus que perdoa, o Deus que consola, o Deus da esperança eterna, mas acima de tudo o Deus que envia: «Ide, portanto, e fazei que todas as nações se tornem discípulos... E eis que eu estou convosco todos os dias» (Mt 28,19-20).

Fazendo eco ao envio do próprio Jesus Cristo, poderíamos ouvir de novo Scalabrini dizer-nos: «Ide novos Apóstolos de Jesus Cristo: ide, mensageiros velozes... ao povo que vos espera...»¹³. Como os primeiros padres e as primeiras irmãs, sejamos «migrantes com os migrantes», sempre prontos a assumir o desafio da missionariedade, lá onde a mobilidade humana clama por nós, lá onde o voto de obediência nos destina, pois é lá onde se encontram «os novos filhos da miséria».

A Trindade é nosso referencial de vida em comunidade. Como missionárias/os, temos como desafio primeiro viver e testemunhar esse amor trinitário e desenvolver habilidades e competências segundo o serviço que prestamos em nossa missão. Sejamos por graça e compromisso mulheres e homens de esperança, particularmente para as filhas e filhos de Deus em mobilidade. Nosso dever é de anunciar e testemunhar a eles a maravilha de nosso destino eterno, fomentar a esperança nos bens que não perecem, sem deixar de sujar-nos as mãos para colaborar na construção de uma sociedade mais justa, solidária, e acima de tudo fraterna.

«O dom do Espírito dado a Scalabrini continua vivo naqueles que o Senhor chama a dele a participar. A fidelidade criativa a este dom fez desabrochar uma espiritualidade que tem suas origens em Scalabrini e no carisma que o Senhor deu, através dele, à Igreja para o mundo da mobilidade humana». (Texto base da *Traditio Scalabriniana*, 2)

¹¹ *Ibidem*, 50.

¹² CONGREGAÇÕES SCALABRINIANAS – MISSIONÁRIOS E MISSIONÁRIAS DE S. CARLOS, *Scalabrini uma voz atual*, 295.

¹³ *Ibidem*, 432.

La misericordia del Padre e del samaritano Gesù (Luca 10, 29-37)

P. Beniamino Rossi, cs

Il racconto si apre con la domanda di uno dei maestri della legge che chiede a Gesù: «Maestro, che cosa devo fare per ereditare la vita eterna?».

Nella visione dell'interlocutore di Gesù, fariseo e dottore della legge, la vita eterna era un qualcosa da «ereditare», da «ottenere» proprio attraverso l'osservanza della legge che Dio stesso aveva rivelato. L'osservanza della legge dava diritto al fedele devoto di accedere al «premio» di Dio, mentre la sua non osservanza meritava il «castigo» di Dio.

Il profeta di Galilea sembrava proporre un'altra dottrina: il punto di partenza per lui non era l'osservanza della legge, ma l'amore gratuito del Padre. Gesù era il predicatore di una specie di «religione rovesciata», di un Dio tutto «misericordia» per ogni persona.

Per questo la domanda del fariseo non è sincera, ma decisamente maliziosa, per mettere alla prova il profeta di Galilea. Alla domanda provocatoria del dottore della legge, Gesù risponde con un atteggiamento di dialogo, invitando l'interlocutore ad esprimere e chiarificare, prima di tutto, le sue idee. E il dialogo rispetta la vita, il vissuto, le convinzioni dell'altro, anche se non le condivide pienamente, e cerca addirittura di valorizzarle.

Veramente al dottore della legge manca qualcosa: scoprire la gratuità dell'amore di Dio e la centralità di questo amore che è in se stesso «la vita eterna», non eredità meritata, ma dono gratuito. «Ma quello, volendo giustificarsi, disse a Gesù: “E chi è mio prossimo?”».

Il dottore della legge sa molto bene chi, secondo la legge, è il «suo prossimo»: chi, cioè, lui è chiamato ad amare e rispettare, come vuole la tradizione religiosa ebraica. Ma egli sa bene che i comportamenti, le frequentazioni, le espressioni di Gesù sono molto distanti dal canone di comportamento e dai pensieri e dalle convinzioni religiose di un ebreo pio e devoto: il profeta di Nazareth, infatti, frequenta i peccatori pubblici, non disdegna la compagnia di persone incolte, compie missioni nel territorio dei samaritani, considerati una popolazione spuria e semi idolatrica, addirittura si intrattiene a parlare con le donne, dando loro confidenza, accettandole a far parte del suo gruppo, e mostra la sua misericordia verso chi conduceva una vita dissoluta (ad esempio le prostitute).

Il dottore della legge ha costruito una meravigliosa impalcatura securizzante, utilizzando la Scrittura e la legge: ha molto chiaro in se stesso un «volto» teorico di Dio da adorare ed amare da lontano – «Tu amerai il Signore, tuo Dio, con tutto il cuore...» (Dt 6,5) –, senza entrare in contatto con Lui «faccia a faccia», stando ritto in piedi nella sua posizione di «giusto» secondo la legge; ha fatto della legge santa di Dio un «tabù» totalizzante, senza cogliere la «passione dell'amore», ma costringendo l'amore nelle caselle strette di una catalogazione. Ha bisogno di entrare in contatto con il «cuore» di Dio, di fare esperienza della sua misericordia, cioè di quell'utero divino generante che lo fa nascere sempre nuovo in ogni suo oggi.

Per questo Gesù non risponde alla domanda del dottore della legge con una disquisizione teorica, ma lo invita ad entrare nella dimensione esistenziale e relazionale. Gli propone una parabola, un fatto di vita abbastanza verosimile e comune sulla strada che collega Gerusalemme a Gerico, cerca di aprirgli, prima il cuore e poi la mente, alla scoperta di un Amore che da sempre si avvicina, che da sempre lo cerca, che da sempre lo rigenera. Gli annuncia la «bella notizia» dell'amore del Padre,

fondamento e fonte di ogni avvicinamento umano a chi è nel bisogno, il quale, proprio per questo, è «fratello – prossimo».

Se il ferito sulla strada che va da Gerusalemme a Gerico è un personaggio «verosimile» e comune, il personaggio centrale della parabola risulta, invece, sconvolgente, provocante e provocatorio: il «samaritano» nel quale Gesù stesso si identifica.

«Un uomo scendeva da Gerusalemme a Gerico»

Gerusalemme, la città di Davide è divenuta nel corso dei secoli la città santa, la città di Dio: la «città della pace di Jahvé», di quella «pace in terra agli uomini perché sono amati dal Padre».

Nel cuore di ogni persona che viene in questo mondo, il Padre ha seminato la nostalgia ed il desiderio della «sua pace»: ha posto la sua immagine, una somiglianza con Lui. Ciascuno di noi porta dentro, nel più profondo del suo cuore, il «sogno» che il Padre ha da sempre su di lui, la realtà di «figlio del Padre», di «figlio della pace», proprio perché oggetto dell'amore del Padre.

Gerico può essere il simbolo della città dell'uomo senza Dio, la città della violenza, della guerra, dove l'uomo è lupo verso l'altro uomo, nella follia di realizzare se stesso contro gli altri. Gerico sussurra al cuore dell'uomo di non obbedire al vecchio ed usurato comandamento di Dio: «Amerai il Signore tuo Dio con tutto il tuo cuore, con tutta la tua anima, con tutta la tua forza» e a quell'assurdo «amerai il tuo prossimo come te stesso» (Lc 10,27). Gerico suggerisce al cuore dell'uomo di costruire se stesso, «senza» quell'Altro ingombrante che è Dio; di realizzare se stesso «contro» quei tanti «altri», compagni sventurati di viaggio, che egli incontra nel suo cammino, ma che si frappongono al suo cammino.

Incomincia, così, l'avventura dell'uomo che lascia la città della pace del Padre e s'inoltra nel deserto della vita, verso la Gerico degli uomini.

«Cadde nelle mani dei briganti, che gli portarono via tutto, lo percossero a sangue e se ne andarono, lasciandolo mezzo morto»

Lungo il contorto sentiero del deserto, ci sono i briganti ad attenderlo: la vita è crudele e quante persone, lungo il contorto sentiero delle loro esperienze, nella solitudine del deserto di ogni giorno, cadono vittime dei «briganti». I briganti sono tanti: sbucano da ogni dove, li incontri ovunque, sempre. I briganti sono imprevedibili, crudeli, senza pietà. I briganti sono violenti: feriscono ed uccidono.

Il sogno di Gerico è infranto: l'uomo ora giace sul sentiero della vita, spogliato, denudato dalla sua dignità di uomo, sanguinante da tante ferite profonde, che scendono fin nell'intimo della sua anima e del suo spirito, con le ombre della morte che offuscano il suo sguardo, mentre egli cerca invano un aiuto e la salvezza.

Nell'uomo, spogliato, ferito e semimorto, c'è la storia di tanti: una storia che si ripete continuamente, crudelmente ed inesorabilmente, ogni giorno ed ogni ora nella storia. Quell'uomo ha il volto dei migranti, vittime di questo che oggi chiamiamo il processo della globalizzazione. Quante «vite di scarto», quanti «poveri cristi» assaliti dalla tracotanza, dal furore di «ladroni patentati» e legalizzati, che esercitano la professione di sfruttare l'uomo, di spogliarlo della sua

dignità. Sono i «sensali di carne umana», di cui parlava Scalabrini al suo tempo, e che prosperano anche oggi, senza che siano sufficientemente contrastati. Sono gli iniqui ed ingiusti sfruttamenti che i pochi ricchi impongono ai moltissimi poveri: le logiche dello sfruttamento legalizzato delle multinazionali, dei paesi ricchi del Nord del mondo verso quei paesi che sono chiamati, con ironia terribile, «in via di sviluppo». Migranti, frutto della violenza politica, che diventano profughi, sfollati, rifugiati, richiedenti asilo, con tutti i loro drammi assurdi ed il carico di violenze, di feriti, di stuprati, di morti, di angosce profonde, di umiliazioni e di privazioni della dignità umana... Migranti, frutto delle violenze economiche, che vanno alla ricerca di un futuro che si presenta incerto e sconsolante...

Ma l'uomo caduto, ferito, sanguinante e spogliato ha anche il mio volto. Perché anch'io, pur nella mia consacrazione battesimale, nel mio impegno in parrocchia, nel volontariato... seguo il sogno di una mia «Gerico», e, così, mi allontano dalla città della pace del Padre. E la mia Gerico nasconde il fascino di quella che chiamo «la mia realizzazione»: quel tarlo insidioso che rosicchia perfino la mia vita cristiana ed il mio impegno umanitario, spesso visto e vissuto in funzione di me stesso.

«Per caso, un sacerdote scendeva per quella medesima strada e, quando lo vide, passò oltre. Anche un levita, giunto in quel luogo, vide e passò oltre»

Lungo quel viottolo, nel deserto della vita, scendono «per caso» alcune persone: hanno occhi acuti per vedere il malcapitato, sanno fare analisi intelligenti, usano i termini esatti, che spiegano esaurientemente il problema, sono pronte a dire la loro parola di condanna o di giustificazione. Ma poi passano dall'altro lato della strada, continuano il loro cammino e se ne vanno per la loro strada, troppo occupate e preoccupate delle proprie cose.

Ed il povero disgraziato rimane immerso nel suo dramma di morte.

Luca parla di un sacerdote e di un levita, l'uno il rappresentante della legge antica, l'altro del culto antico: realtà sante e sacrosante, perché ispirate da Dio, giustificate e fondate nelle Sacre Scritture, vanto ed orgoglio del popolo di Dio, segno della presenza potente di Dio e del suo amore verso il suo popolo eletto.

Qui abbiamo una critica ad ogni sicurezza religiosa: nessuna legge (anche la legge di Dio) e nessun culto (anche il Tempio di Gerusalemme), per quanto giusti, sono in grado di «salvare» l'uomo.

Nel sacerdote e nel levita del racconto evangelico possiamo riconoscere il rischio che incorrono i «tecnici della società», gli studiosi dei fenomeni. Tutti hanno qualcosa di intelligente da dire, tutti sanno spiegare le cause, sanno elencare gli effetti, sanno valutare le conseguenze sociali, psicologiche, sociologiche, religiose, pastorali, civili, penali della questione. C'è un continuo via vai di esperti per quel sentiero nel deserto che porta a Gerico. Ma tutti, chi per un motivo chi per un altro, continuano la loro strada, forse paghi delle analisi, dei giudizi, dei dibattiti, delle soluzioni abborracciate, purché quel malcapitato non turbi troppo il loro quieto vivere.

E in quel via vai ci sono anch'io. Quante volte mi sono sentito sicuro di me stesso, «ministro di Cristo», «missionario dei migranti», forte della mia «missio ad migrantes» che mi portava ad andare a loro come chi, prima di tutto, vuole analizzare e studiare la loro situazione. Tante volte ho cercato per loro le mie «soluzioni pastorali». Mi illudevo di fare un'azione politica per risolvere i loro problemi sociali, culturali e personali. Quante volte ho corso il rischio di essere un operatore, uno di passaggio, un po' come il sacerdote ed il levita della parabola di Gesù.

«Invece un samaritano, che era in viaggio, passandogli accanto, vide e ne ebbe compassione. Gli si fece vicino, gli fasciò le ferite, versandovi olio e vino; poi lo caricò sulla sua cavalcatura, lo portò in un albergo (=«tutti accoglie») e si prese cura di lui»

Scandalosamente Gesù mette come personaggio centrale della parabola un individuo che, nella cultura giudaica del suo tempo non ha nessuna rilevanza religiosa, anzi è legato, nella memoria collettiva ebraica, ad una valenza religiosa negativa. La provocazione «antireligiosa», iniziata con i due personaggi del sacerdote e del levita che passano dall'altra parte della strada e se ne vanno, diventa ancora più forte e blasfema nel personaggio del «samaritano».

Quel samaritano ha un nome e si chiama Gesù di Nazareth. Egli non passa lì per caso, come gli altri: lui, colui che è «in viaggio», è volutamente alla ricerca di quell'uomo e di tutti gli uomini caduti lungo i viottoli del deserto della vita, di tutti gli spogliati ed i feriti. Egli vede l'uomo ferito lungo il cammino, ma non analizza, non giudica, non condanna, non propone soluzioni. Egli «ne ha compassione»: si sente sconvolto dentro le sue «viscere» (come suona la parola greca), sente ribollire il suo «utero generatore» (come suona la parola in ebraico). Proprio come fa il Padre, quando ha «compassione», ha «misericordia» per ogni donna ed ogni uomo che vengono in questo mondo. Infatti, il Figlio, da sempre, dall'eternità, ha interiorizzato, nella sua essenza ed esistenza di uomo le viscere misericordiose del Padre.

L'atteggiamento del samaritano è l'atteggiamento del Padre, la caratteristica fondamentale del Dio che Gesù ci ha rivelato: quel misto di tenerezza, dedizione, passione delicata e forte, ma anche terribile aggressività, quando il Figlio è attaccato, colpito, spogliato. La misericordia del Padre è amore materno e tenero. Il Padre, che ha dall'eternità le viscere di misericordia per ogni caduto, spogliato e ferito dai ladroni sul sentiero della vita, ha preso il volto del camminatore instancabile, del samaritano Gesù, che continua a cercare, a «farsi vicino», a «provare compassione».

Egli si avvicina e fascia le ferite, le cura con l'olio della sua parola e con il vino dello Spirito. Il suo chinarsi per amore diventa cura delle ferite: egli versa olio e vino e fascia i segni della violenza, della brutalità, dello sfruttamento, della mutilazione, che ogni ferito della vita porta nel suo corpo e nel suo spirito.

Carica quel disgraziato sopra le sue spalle: ogni donna ed ogni uomo sono la passione d'amore del samaritano, sono la «croce» caricata sulle sue spalle.

Il samaritano Gesù porta l'uomo ferito all'albergo (in greco «pandocheion», al «tutti accoglie») e si prende cura di lui. Nell'immagine del «pandocheion» è raffigurata la «comunità cristiana», che è la «oichia» (la casa) per tutti («pan»): la comunità dei credenti in Gesù, infatti, è «costituita» da colui e da coloro che hanno visto, constatato, sperimentato la compassione del samaritano. In quel momento di tenebre, di paure, di incertezze, di oscurità, di morte, che è racchiuso nell'immagine della «notte», il samaritano veglia con tenerezza e passione materna e si «prende cura» di ognuno che è rimasto ferito nel cammino della vita. Noi siamo «fatti» credenti e siamo costituiti come comunità, che tutti accoglie, dall'aver assistito e dall'assistere continuamente al «prendersi cura durante la notte» da parte del samaritano Gesù di tutte le donne e gli uomini caduti lungo il cammino contorto delle loro storie nel deserto della vita.

«Il giorno seguente, tirò fuori due denari e li diede all'albergatore, dicendo: “Abbi cura di lui; ciò che spenderai in più, te lo pagherò al mio ritorno”»

Ogni cristiano può essere un semplice e normale albergatore, magari interessato, e questo all'interno della chiesa stessa. Ma l'aver visto il samaritano «misericordioso» ed appassionato, chino nella notte sul malcapitato, l'aver ricevuto dal samaritano i due denari può trasformare chi vive nel «pandocheion» in una persona «pandochos», cioè in una persona «tutti accogliente».

Il samaritano Gesù è il «misericordioso», il «totalmente gratuito», il «servo senza utile». Egli non solo dona i due denari al «pandochos» ma gli promette «il premio» al suo ritorno, alla fine dei tempi, quando renderà di valore divino ed eterno il bicchiere d'acqua ed il tozzo di pane che abbiamo dato al fratello. Il bicchiere d'acqua ed il tozzo di pane, i sentimenti di misericordia e di compassione sono stati suscitati dalla misericordia del samaritano Gesù: la trasformazione che Egli stesso ha operato in noi con i due denari diventa capacità di amare, di donare, di «spendere». Diventa quello che «spenderemo di più».

Ed il samaritano sparisce alle prime luci del giorno, senza aspettare il riconoscimento, lasciando al «pandochos» la gioia dell'accoglienza e il regalo della riconoscenza da parte del ferito salvato.

Nella nostra vita la capacità di diventare un po' più «pandochoi» («tutti accoglienti») si fonda principalmente sull'esperienza di essere noi stessi stati cercati e accolti.

C'è Qualcuno che è da sempre alla mia ricerca, che mi vede da lontano, che si è fermato e continua a fermarsi in ogni istante della mia vita, di fronte a me, che si fa avanti ed ha «viscere di misericordia materna e paterna» nei miei confronti. Qualcuno che mi ha portato nel «pandocheion» della comunità e mi ha affidato a persone che Lui stesso ha trasformato e trasforma continuamente in «pandochoi».

Allora, forse, potrei vedere che la comunità concreta, nella quale io vivo, è abitata da tanta gente, i miei fratelli concreti, che sono rimasti, come me, tante volte feriti sul cammino della propria vita, ma che sono stati anch'essi ricercati ed amati con viscere di misericordia dal samaritano, che sono stati portati anch'essi sulle sue spalle e per i quali Lui ha vegliato con amore tutta la notte. La comunità è fatta da gente cercata, amata, portata, curata, vegliata e salvata dal samaritano Gesù.

Ciò che ci unisce prima di tutto come comunità cristiana non è un obiettivo comune, nemmeno un progetto da sviluppare verso gli altri, i fedeli, i migranti: in questo caso saremmo una équipe di lavoro, un'associazione più o meno efficiente, ma non una «comunità di fratelli». Ciò che ci unisce è l'azione d'amore tenera e tremenda del samaritano: Egli ci unisce, proprio perché è Lui che ci ha trovati, che ci ha amati con compassione, ci ha portati, ci ha curati e ci ha salvati.

E proprio per questo possiamo sentire che Egli ci vuole più accoglienti, più «pandochoi». Dobbiamo imparare la gratuità: non dobbiamo attendere la riconoscenza del nostro vegliare nella notte, ma sparire alle prime luci dell'alba.

**«“Chi di questi tre ti sembra sia stato prossimo di colui che è caduto nelle mani dei briganti?”
Quello rispose: “Chi ha avuto compassione di lui”. Gesù gli disse: “Va' e anche tu fa' così”»**

Da questa esperienza nasce l'obbedienza all'invito amoroso di Gesù di diventare, ciascuno di noi, un po' «samaritani», camminatori nel deserto della vita alla ricerca appassionata e compassionevole di chi è «caduto nelle mani dei briganti» della vita, pronti, anche noi a «farci vicini», a sentire

«compassione», a curvarci sopra di lui, a portarlo sulle nostre povere spalle, capaci di vegliarlo nelle sue notti, di pagare di persona e di sparire: «Va' e anche tu fa' lo stesso!».

Gesù ci propone di «fare lo stesso», di agire con la cultura del Padre, con la cultura del Figlio, con la cultura d'Amore dello Spirito. E questo «fare lo stesso» presuppone che ci mettiamo anche noi «in cammino» come il samaritano, che incominciamo ad «andare»: l'imperativo «Va'!», esprime la condizione indispensabile per essere discepoli del samaritano e per imparare a «fare lo stesso».

Ma, forse, si può tentare un'altra breve riflessione: Gesù invita il dottore della legge a guardare la vita dalla parte del povero disgraziato, caduto nelle mani dei briganti («Chi di questi tre ti sembra sia stato prossimo di colui che è caduto nelle mani dei briganti?»).

Se guardiamo la nostra vita, allora, impareremo ad intravedere il volto di tanti «samaritani» che si sono fermati lungo il viottolo contorto della nostra vita, ed hanno avuto compassione di noi.

Io, tra i tanti «samaritani» che mi hanno avvicinato, trovato, soccorso, portato sulle spalle e curato, posso ricordare tanti confratelli scalabriniani, che mi sono venuti incontro negli anni della mia formazione: i «formatori» e i compagni di seminario. Posso ricordare la lunga processione di confratelli, che mi hanno «supportato», e mi hanno sopportato e mi sopportano ancora oggi. Ma posso ricordare anche tanti migranti, che io credevo di «assistere» e che, invece, si sono affacciati, timidamente ed a volte solo occasionalmente, sul sentiero della vita, mi hanno visto ed hanno avuto compassione di me e, hanno, magari per pochi istanti, avuto cura di me, vegliato su di me e poi sono spariti lasciandomi la nostalgia di un amore gratuito.

Nello stesso tempo, forse, sto entrando anch'io, con ritardo e con molte remore, nell'apprendistato del samaritano e mi sto accorgendo, con meraviglia e stupore, che il samaritano sta creando in me «viscere di misericordia». Forse sto imparando dal samaritano a non essere più «uno di passaggio», a dare alla persona concreta che ho davanti a me, prima di tutto il mio avvicinarmi e la mia vicinanza e, forse, a curarlo e, quello che più conta, ad amarlo e a sparire. Con mia grande sorpresa ho constatato che, in questi anni, mi si è allargato il cuore: e questo soprattutto perché ho scoperto di essere stato e di essere ancora oggi molto cercato, avvicinato, curato ed amato. Ma sto anche scoprendo di aver anch'io amato e di tentare ancora oggi di amare, mio malgrado. Qualcuno mi sta facendo entrare nel dinamismo della «relazione» e delle «viscere di misericordia». Mi sto accorgendo che, come Lui si è caricato il ferito sul suo dorso, così c'è gente che si carica sulle mie spalle: ne sento il peso, a volte fastidioso, ma sento anche una forza nuova, che scopro con meraviglia di avere, ma che so benissimo che non è mia.

La coscienza che io sono stato cercato dall'amore misericordioso del samaritano e che il mio fratello concreto, con il quale mi trovo a vivere nella «locanda comunitaria», è anche lui stato portato lì dall'amore misericordioso del samaritano affascina e trasforma anche me ed il fratello, perché impariamo ad imitare, l'uno verso l'altro, la misericordia del samaritano.

«Il nostro pellegrinaggio comporta una costante emigrazione da noi stessi verso l'altro per condividere con lui il pane della nostra vita di battezzati e di consacrati, per lavare umilmente i piedi al viandante, per profumare l'ospite inatteso con nardo prezioso, per fermarci e guardare con occhi di amore i pellegrini feriti o offesi nella loro dignità, curandoli con la tenerezza e con la determinazione di Gesù, il buon samaritano».
(Testo-base della Traditio Scalabriniana, 5)

La fuga in Egitto (Mt 2,13-23) Un Dio così solidale

Anna Fumagalli, mss

Un racconto noto

Il Vangelo di Matteo ci ha trasmesso la memoria di una fuga drammatica vissuta da Giuseppe e Maria per portare in salvo Gesù, la cui vita era in pericolo a causa del re Erode. Il racconto si ripresenta ogni anno nel tempo di Natale, ma deve la sua notorietà soprattutto all'arte: il motivo della fuga in Egitto, infatti, ha ispirato artisti di ogni tempo e cultura.

Nel racconto si riconoscono tre parti:

- La prima (2,13-15) si apre con l'intervento di un angelo che, in sogno, non solo sollecita Giuseppe a mettersi in fuga con il bambino e sua madre, ma anche gli suggerisce l'Egitto come meta e gli rivela il grave pericolo in cui si trova Gesù: *Erode infatti vuole cercare il bambino per ucciderlo*¹⁴. Bastano poche parole per descrivere la prontezza di Giuseppe, la fuga nel mezzo della notte, l'arrivo in Egitto e la permanenza in quel paese. Una citazione delle Scritture chiude questa prima parte.
- La seconda (2,16-18) ci mette di fronte alla prepotenza del despota di turno, una crudeltà sconcertante che si dirige sui più piccoli e indifesi. La ricerca storica su Erode mostra come di fatto la violenza fosse uno degli strumenti quotidiani con cui egli esercitava il suo dominio. Va notato che il racconto è costruito in modo tale che noi lettori, arrivando a questa seconda parte, siamo già informati sul fatto che colui che Erode cerca è nel frattempo al sicuro. In questo modo viene sottolineata tutta l'insensatezza della violenza. Non ci sono parole per commentare l'accaduto, se non, ancora una volta, una citazione delle Scritture.
- Nella terza parte (2,19-23) è di nuovo un angelo che, in sogno, sollecita Giuseppe a ripartire. Anche il ritorno però non è pacifico: *Ma, quando venne a sapere che nella Giudea regnava Archelao al posto di suo padre Erode, ebbe paura di andarvi*. Il timore di Giuseppe non è infondato, tanto che è ancora un angelo a suggerire l'itinerario che porta l'intera famiglia a Nazareth. E per la terza volta si citano le Scritture.

Ci sono pagine di Vangelo che, essendoci ormai molto familiari, corrono il pericolo di non riuscire più a farsi sentire: come se fossero diventate mute! Nel caso della fuga in Egitto, per esempio, può capitare di vedere in questo racconto solo un episodio doloroso, per fortuna privo di conseguenze, accaduto alla sacra famiglia, un episodio commovente, che rende la nostra devozione più affettuosa. È necessario ridiventare lettori attenti per renderci conto di almeno due aspetti di fondamentale importanza: da un lato l'attualità dell'esperienza qui raccontata e, dall'altro, il suo spessore teologico.

Uomini e donne oggi in fuga

¹⁴ Diversamente che in altre parti del Nuovo Testamento, il motivo del *sogno* è frequente nel Vangelo di Matteo: 4 volte lo si trova in riferimento a Giuseppe (1,20; 2,13.19.22), 1 volta ai Magi (2,12), 1 volta alla moglie di Pilato (27,19). In Matteo, in effetti, gli angeli appaiono *in sogno* (fanno eccezione 4,11; 28,2ss). Entrambi i motivi, il *sogno* e l'*angelo*, hanno la funzione di proteggere la trascendenza di Dio e, contemporaneamente, di mostrare che è Lui che guida la storia (cfr. anche Gn 16,7.11; 22,11-15; 31,11.24; 46,2-4). Mentre nei testi apocalittici il sogno dà più rilievo alla visione, per Matteo invece è la parola ad avere la preminenza.

In effetti, ciò che allora è accaduto alla sacra famiglia è oggi estremamente attuale per milioni di uomini, donne e bambini. Quello dei profughi, dei richiedenti asilo, dei rifugiati è uno dei fenomeni che stanno segnando profondamente la nostra epoca. Uno sguardo alle statistiche fornite dagli organismi specializzati è sufficiente per renderci conto della vastità del fenomeno come anche della necessità di una corretta informazione. Mentre i *media*, per esempio, ci convincono dell'“invasione” che sta minacciando i paesi più ricchi, le statistiche mostrano che la maggioranza dei profughi non riesce ad arrivare né in Europa né in America del Nord, ma rimane in Africa e in Asia.

Perché non provare a mettersi nei panni di queste persone? Ci potremmo chiedere: E se una volta accadesse a noi? Che cosa faremmo? Che cosa ci augureremmo di trovare là dove arrivassimo? Senza questo cambiamento di prospettiva, difficilmente si riesce a superare quella diffidenza che immobilizza e addirittura fa apparire ragionevole la chiusura.

E pensare che la sacra famiglia stessa ha conosciuto che cosa significhi la minaccia di un grave pericolo, la decisione improvvisa di partire, la fuga, l'importanza di poter trovare rifugio!

Vale la pena lasciarci interpellare da questa pagina di Vangelo, che può rivelarsi preziosa sia per chi vive sulla propria pelle l'esperienza di partire alla ricerca di un rifugio, come per chi è tentato di non aprire la porta¹⁵.

Storia o leggenda?

Nella ricerca biblica si è fatta spesso sentire la tendenza a negare al nostro racconto ogni valore storico. Esso è stato considerato piuttosto come una meditazione teologica espressa in forma narrativa e proveniente dalla riflessione post-pasquale dei discepoli di Gesù.

In effetti, l'episodio della fuga in Egitto segna la conclusione di un primo blocco di testi, quello della “nascita e infanzia di Gesù”. Esso occupa i primi due capitoli del Vangelo di Matteo. Terminato il nostro racconto, il filo della narrazione chiaramente si interrompe e davanti a noi si apre una scena totalmente nuova: la predicazione di Giovanni il Battista ci introduce alla missione pubblica di Gesù. Siamo consapevoli di trovarci di fronte a materiali di diverso tipo.

Infatti, se al materiale che troviamo a partire dal terzo capitolo va riconosciuto uno stretto legame con l'esperienza storica dei primi discepoli, non possiamo dire lo stesso per il materiale confluito nei primi due capitoli. Per i racconti della nascita e infanzia di Gesù si deve certamente supporre un percorso diverso. D'altra parte, va pure riconosciuto il loro forte spessore teologico, frutto della riflessione credente delle prime comunità cristiane. Queste loro caratteristiche però non escludono che si possa contare su un nucleo storico, di cui essi vogliono essere memoria¹⁶.

Anche per i racconti della nascita e infanzia di Gesù va tenuto presente ciò che vale per i Vangeli nella loro interezza: essi ci sono stati consegnati in primo luogo come memoria viva della storia di Gesù, il Figlio di Dio fatto uomo, appunto, per condividere dal di dentro la nostra vita, camminando sulle nostre strade nella concretezza di una storia precisa.

«Allora si compì ciò che era stato detto per mezzo del profeta»

Come abbiamo già notato, il richiamo alle Sacre Scritture ritorna alla fine di ciascuna delle tre parti del racconto. Lo stesso accorgimento era già stato messo in atto in 1,22-23 e in 2,5-6 per ritornare poi con maggiore insistenza nel nostro racconto.

¹⁵ Si può vedere, per es., TH. VAN NGUYEN, «In Solidarity with the Strangers: The Flight into Egypt», *The Bible Today* 45 (2007) 219-224 (l'intero numero è dedicato a *Bibbia e migrazioni*).

¹⁶ Per questa delicata questione rimane un punto di riferimento lo studio di G. SEGALLA, *Una storia annunciata. I racconti dell'infanzia di Matteo*, Morcelliana, Brescia 1987, il cui risultato è una critica fondata alle posizioni radicalmente anti-storiche.

Dobbiamo tener presente che nelle Scritture – a cui frequentemente gli scritti del Nuovo Testamento fanno ricorso – i primi discepoli trovavano la via per comprendere in profondità, cioè alla luce del progetto di Dio, il mistero di Gesù, la sua persona, gli avvenimenti della sua vita, i suoi insegnamenti, la sua morte e risurrezione. Le Scritture potevano suggerire loro immagini, espressioni, categorie per esprimere ciò che con Gesù avevano sperimentato. Certamente la modalità comune di citare era allora diversa dalla nostra oggi: i testi antichi venivano ripresi con molta libertà e collegati ai nuovi avvenimenti. I Vangeli ci testimoniano tale consuetudine. La novità però è il punto di partenza: non le parole dei profeti, appunto, ma l'esperienza storica fatta con Gesù, alla luce della quale le Scritture trovavano il loro compimento, una nuova trasparenza.

Nel racconto della fuga in Egitto, attraverso le citazioni profetiche, gli avvenimenti narrati sono messi in collegamento con la storia del popolo di Dio.

La prima citazione (2,15) si rifà al profeta Osea, che in 11,1 si riferiva all'esperienza dell'uscita del popolo dall'Egitto: *Dall'Egitto ho chiamato mio figlio*. Camminando nel deserto, Israele aveva imparato che cosa significasse vivere contando su Dio, in una relazione di fiducia con Lui, come un bambino nei confronti di sua madre e di suo padre.

La seconda citazione (2,18) proviene dal profeta Geremia e collega i tristi avvenimenti di Betlemme con la terribile esperienza dell'esilio a Babilonia: *Un grido è stato udito in Rama, un pianto e un lamento grande: Rachele piange i suoi figli e non vuole essere consolata, perché non sono più*.

La terza citazione (2,23) è la più difficile da comprendere, per cui molte sono le ipotesi proposte dagli studiosi: *Sarà chiamato Nazareno*. Il contesto in cui Matteo la colloca fa in ogni caso risaltare il legame tra Gesù e Nazareth, cioè un luogo preciso, allora ancora del tutto sconosciuto, della *terra di Israele* (2,21).

Attraverso questi accorgimenti il racconto ci comunica una certezza: in Gesù davvero Dio si rivela come il *Dio-con-noi* (1,23), che conosce la storia del suo popolo, ne percorre egli stesso le vie. In Gesù Dio si rivela come colui che ama tanto il suo popolo da volerne condividere il destino. Così solidale è questo Dio!

Il "compimento" di cui parla Matteo, dunque, è il compimento dell'amore che si esprime in questo condividere dal di dentro la storia dell'uomo. È questo il vero volto di Dio, quello che Gesù è venuto a rivelarci già a cominciare dagli avvenimenti della sua infanzia.

Chi conosce la storia di Gesù sa che la sua solidarietà con la nostra condizione di uomini si è espressa in modo estremo nella morte in croce. C'è un profondo legame, in effetti, tra la pagina della fuga in Egitto e il racconto della passione. In particolare, è significativa la sfida di coloro che, passando vicino alla croce, lo insultano: *Tu, che distruggi il tempio e in tre giorni lo ricostruisci, salva te stesso, se tu sei Figlio di Dio, e scendi dalla croce* (27,40). E costoro scuotono il capo: solo scendendo dalla croce – è la loro convinzione – Gesù potrebbe mostrare che Dio è dalla sua parte e che la sua testimonianza è veritiera. Ma nel momento estremo della condanna a morte come già all'inizio della sua storia, Gesù è il salvatore che deve essere salvato! La sua solidarietà con l'uomo si spinge fino a tal punto che egli ne condivide tutta la debolezza e impotenza. Chi ama vuole condividere! E in questo modo Gesù mostra quanto Dio ami l'uomo.

Maria e Giuseppe

Vale la pena ritornare al nostro racconto e fermare la nostra attenzione su Giuseppe e su Maria: che cosa è detto di loro? come hanno reagito in quegli avvenimenti?

Incominciamo da Giuseppe perché è di lui che il racconto soprattutto parla. Infatti, se il ripetuto intervento di un angelo è decisivo per il corso degli eventi, non lo è meno l'obbedienza di Giuseppe. Di lui si può proprio dire: un uomo allenato a non gestire in proprio la vita! Di giorno e di notte – sì, anche nei sogni – egli è in continuo ascolto di un Altro ed è a partire da questo ascolto che prende le sue decisioni.

Nella successione di questi avvenimenti Maria non viene mai chiamata per nome: a lei si fa riferimento solo insieme al bambino. È significativo che per quattro volte ritorni la stessa espressione: *il bambino e sua madre*. Il destino di Maria, dunque, è inscindibilmente legato a quello di Gesù! Passo dopo passo, percorrendo niente meno che le strade dell'esodo del suo popolo e facendo in prima persona l'esperienza dell'esilio, la madre incomincia a diventare discepola.

Giuseppe e Maria: per il suo progetto di salvezza Dio conta su di loro. Questa certezza li rende aperti al nuovo, capaci di rischio. La gioia di collaborare al Suo progetto porta i loro passi, la loro vita.

Ciò che il racconto non dice

Il nostro racconto è essenziale. Niente ci viene detto sulle circostanze concrete del viaggio o della permanenza in Egitto. Non meraviglia, dunque, il fatto che a questo riguardo siano sorte numerose leggende e che poi tali leggende abbiano ispirato artisti di ogni epoca¹⁷.

In effetti, se il testo può raccontare il ritorno di Giuseppe con il bambino e sua madre è perché la ricerca di un rifugio sicuro ha avuto buon esito! Si comprende da sé quanto abbiano dovuto essere importanti per la sacra famiglia gesti di accoglienza, solidarietà, incoraggiamento. Gesti, del cui valore le persone direttamente coinvolte non erano forse del tutto consapevoli. Un valore che si coglie solo a distanza, in uno sguardo retrospettivo.

Anche ciò che il racconto non dice, dunque, e che tuttavia è essenziale nella vicenda ci interpella sull'accoglienza. Che cosa frena oggi la nostra disponibilità e fa sì che tendiamo a chiudere in fretta la porta? Gli ostacoli sono reali, la ricerca di come evitare che tanti siano costretti a fuggire dalla loro terra è urgente, le problematiche sono complesse... Ma quando tutto questo diventa un alibi per assecondare le nostre tendenze egocentriche e rinunciare ad una gestione generosa delle risorse, ci troviamo di fronte ad un segnale grave per quanto riguarda lo stato di salute di una società.

In questa situazione anche la solidarietà più spicciola, quella che ciascuno può vivere nelle circostanze che la vita quotidiana gli presenta, diventa un segno importante, capace di incidere a diversi livelli. E, soprattutto, essa può diventare testimonianza trasparente di quel Dio che in Gesù ha dichiarato la sua smisurata solidarietà nei confronti dell'uomo.

«*Maria, Madre del cammino e della speranza, ci sollecita ad intraprendere sempre nuovi pellegrinaggi verso l'altro – il fratello/sorella in comunità, il migrante, ogni persona – per aprirci insieme all'incontro con il Figlio, migrante e missionario del Padre, morto e risorto per tutti*». (Testo-base della *Traditio Scalabriniana*, 4)

¹⁷ È interessante a questo proposito la raccolta facilmente consultabile in www.biblical-art.com.